

- HOME
- PRIMEIRA
- ESPECIAL
- OPINIÃO
- LOCAL
- DESPORTO
- ARTES
- COMÉDIA
- TEMPO
- LEITURA
- PROFESSORES

produtor JTM
Pesquisar



Um livro que nunca se fechará

Tocando os fios da memória falam do "grande escritor", do professor de "boas histórias" e do homem de quem "qualquer pessoa se podia aproximar". Antigos alunos, companheiros de teatro e de convívio partilharam com o JTM trechos de "um livro que nunca se fechará". Para os nossos interlocutores, fica a obra e resistirão os traços de um bom conversador

FÁTIMA ALMEIDA



Foi entre os 13 e os 14 anos que José Joaquim dos Santos encontrou numa sala de aulas o professor Henrique de Senna Fernandes. Os tempos de adolescente ficaram longe e nem todas as datas chegam já à ideia. Mas há sentimentos que a memória não deixa que se percam no tempo. "Marcou a rapaziada da nossa época. Contava muito boas histórias. Tinha muito jeito", relembrou ao JTM.

Nas cadeiras do Liceu Nacional Infante D. Henrique com o professor Henrique não aprendiam apenas a História Universal. Ouviam outras "estórias", "peripécias" que lhes aumentavam o interesse pela vida. "Era uma aula que dava muita vontade de ir", recordou José, de 67 anos, referindo-se ainda ao bom homem e comunicador.

A mesma opinião é partilhada por António Moura, de 74, numa mesa onde ontem conversavam na APOMAC (Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau). As palavras irrompem-lhe do pensamento como quem as retira dos trechos vividos há anos. "Lidei com ele na altura do Grande Prémio de Macau [quando foi membro da organização]. Era uma pessoa com quem nos sentíamos bem a falar. Bom conversador, alegre e boa pessoa ... muito vivida". Na verdade, já lá vão cerca de 47 anos desde o dia em que conheceu o homem "simpático". Corria o ano de 1963 e tinha acabado de chegar a Macau, vindo de Goa. Tornou-se também um filho desta terra e hoje não deixa de recordar a presença de Henrique de Senna Fernandes nas festas dos goeses, organizadas no território. "Ele vinha quase sempre. Deixou essa marca entre nós. Era um homem de quem qualquer pessoa se podia aproximar", acrescentou. No meio da história são muitos os cenários em que o homem e a obra se moveram por esta Macau. O palco do D. Pedro V também recebeu há mais de 40 anos o talento do contador de histórias. "Eu e o Henrique éramos os dois únicos artistas que fazíamos parte do Patuá antigo, com o Adé (José dos Santos Ferreira). Ele fazia de Moisés D'Ayan na peça "Qui-Nova Chencho" e eu outros papéis", contou ao JTM Alberto Magalhães Alecrim.

Depois daquele episódio o teatro continuou a entrar-lhe na vida através da escrita. Anos mais tarde voltaria a dar de si com o aparecimento do Grupo de Teatro de Patuá Docí Papiaçam Di Macau, criado há 17 anos. "Um dia estávamos a conversar e pensamos: porque não revivermos as récitas do Patuá antigo que a comunidade macaense gostava muito. E [questionámo-nos] quem mais indicado para escrever que o dr. Henrique?", contou Sónia Palmer proprietária da Casa dos Amigos do Riquexó. E assim foi. Tomou as rédeas mais uma vez às palavras e juntou-as para mais histórias.

Não era a primeira vez que Sónia Palmer, de 66 anos, convivia com o homem que "gostava muito de comunicar". Por volta dos seus 11 anos foi sua aluna. As lembranças do Liceu Nacional Infante D. Henrique traçam um retrato do professor muito semelhante ao descrito por José - a vida a assomar dos contos que partilhava com os jovens. "Gostava muito de contar histórias. Às vezes saía do currículo que tinha para leccionar e era quando nós gostávamos mais. Contava as histórias dele. Eram histórias interessantes," recuperou Sónia Palmer dos tempos de menina.

Nas aulas encontravam espaço para abrir horizontes, arregalar os olhos com o mundo que fugia dos livros. Os livros que foram uma "mania" partilhada. Ou mais do que isso. As telas escritas de uma Macau que viveu por dentro.

Os livros, o convívio e a amizade. "Há 45 anos andávamos sempre em festa. Agora já acabou isso tudo". As palavras de Aberto Magalhães Alecrim recordam o ambiente diferente em que viveu alguns momentos com o amigo Henrique de Senna Fernandes. Com 78 anos, vem-lhe à memória uma imagem diferente da Macau actual, mas que a passagem do tempo não gastou. O pensamento mantém imóveis os lugares onde conviviavam. "Parávamos muito no Hotel Lisboa, no primeiro andar", referiu, adiantando que conversavam de tudo. "Aprendíamos sempre com ele. Era uma pessoa muito sábia", acrescentou.

O "grande escritor" também entra nas palavras de Alberto Alecrim quando recorda Senna Fernandes. As obras do amigo tem-nas em Portugal. Não esconde a sua "mania" pelos livros e não deixa de contar que a partilhou com Henrique. "Eu cheguei a mostrar-lhe a minha biblioteca", disse.

A última vez que viu o seu amigo Henrique de Senna Fernandes foi na APOMAC, local onde recordou ontem ao JTM estas e muitas outras histórias que viveram. E nesse dia deixaram registado mais um momento da amizade. "Tirámos uma fotografia juntos", lembrou o homem que foi um dos pioneiros da Rádio em Macau.

Sem se perder nas palavras disse ainda: "Era um homem inteligente. O testamento que deixou



Sem se perder nas palavras disse ainda: "Era um homem inteligente. O testamento que deixou a Macau foram os seus livros. As pessoas admiravam o Henrique. Quem é que não admirava o Henrique...?".

Eduardo Ribeiro
Jurista

"Fazia uma revisão da maneira de ser da gente de Macau"



"Desde há muitos anos que conhecia o Henrique de Senna Fernandes, era amigo dele e um grande admirador da obra dele, cujos livros encantadores eu li e reli, sobretudo os contos, que provavelmente é o que é menos conhecido. Mas é a parte da obra dele que eu mais gosto. Era um homem que tinha uma maneira muito peculiar de escrever, que fazia uma revisão da maneira de ser da gente de Macau. É impossível conhecer Macau dos últimos 80 anos sem ler a obra dele. É uma perda, julgo que ele teria uma obra em mãos que não terá acabado, falei várias vezes com ele sobre isso. Não sei se estaria já em fase de conclusão, espero que sim. (...) Não sei se idealizava Macau nos livros. Ele era muito chão, era uma pessoa muito autêntica, portanto, a gente lia aquilo e via que ele era muito crua descrever as situações, embora fosse muito romântico, do ponto de vista das relações com o elemento feminino. Ele era um homem que adorava a Mulher e que punha nas páginas da obra dele todo um sentimento e um ardor muito peculiar na relação do homem com a mulher.(...) A obra dele é única. Aliás, escritores em Macau que abordem a problemática macaense, onde é que os há? Muito poucos. Temos o Leal de Carvalho, que é um bocado diferente e tem a obra bastante divulgada. Já a obra do Henrique de Senna Fernandes não está tão divulgada quanto deveria e mereceria estar."

Jorge Rangel
Presidente do IIM

"Um lugar especial na galeria dos melhores macaenses"



"Fui aluno dele no liceu de Macau. Foi um grande professor. Todos nós temos como referência alguns professores. Penso que todos os jovens que foram alunos dele o têm como referência. Para todos nós, se ele não foi o maior, foi certamente um dos maiores, pelo seu entusiasmo, pela sua capacidade de comunicação, pela forma de lidar com a juventude, pela sua presença assídua e pela sua disponibilidade. Ele é lembrado como professor que foi - mestre de muitas gerações de jovens de Macau -, como advogado, como dinamizador cultural, como escritor. Era uma figura polifacetada, que era uma referência fundamental para a comunidade macaense. Com a morte dele, a comunidade perde uma referência muito importante. Representa um pouco aquela Macau de ontem que já não existe mais, que recordamos do tempo da nossa infância. Ele representa também um pouco mais da morte dessa Macau antiga. Mas quando nos lembramos dessa Macau antiga e de figuras como o Henrique de Senna Fernandes, também sentimos mais alento para continuarmos a marcar uma presença aqui e encararmos o futuro com confiança. É o que eu queria dizer agora, naturalmente sentindo a dor como familiar que sou - o Henrique de Senna Fernandes era tio da minha mulher -, com quem tive oportunidade

de conviver muitas vezes e partilhar serões inesquecíveis. Sem exagero, posso dizer que, olhando para a história macaense, ocupará um lugar especial na galeria daqueles que foram os melhores macaenses de sempre.

[\[Alto\]](#) [\[Anterior\]](#) [\[Voltar\]](#) [\[Próximo\]](#)



[HOME](#) . [E-MAIL SERVIÇO GERAL](#) . [E-MAIL SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS](#) . [FICHA TÉCNICA](#) . [EDIÇÕES ANTERIORES](#) . [PUBLICIDADE](#) . [PRIMEIRA](#)

[Dia dos Professores](#)

Promoção de Materiais Didáticos e Pedagógicos para Professores. Acesso

[RecriArte- A Escola de SP](#)

28 anos formando Melhores Artistas Teatro e Desenho - Livre e Profiss.



Copyright (c) Jornal Tribuna de Macau, All rights reserved
Design and maintenance by [Directel Macau Ltd](#)